O agronegócio é o seguinte

DE OLHO EM 2015

OS NÚMEROS do Produto Interno Bruto (PIB) do 1º semestre de 2014 indicam que a economia brasileira está em recessão técnica. A recessão técnica é definida pelos economistas como a sequência consecutiva de queda da atividade econômica em dois trimestres em relação ao trimestre imediatamente anterior – neste caso, uma queda de 0,2% no 1º trimestre de 2014 e de 0,6% no 2º trimestre.

No longo e médio prazos, a recuperação do crescimento deve ser sustentada pelo aumento da produtividade e da competitividade na economia, em que o investimento, a capacitação do capital humano e o aumento gradual da concorrência são fundamentais. É necessário recuperar a credibilidade da política fiscal e trazer previsibilidade às políticas monetária e cambial. Para recuperarmos nossa trajetória de crescimento sustentado, não há saída indolor.

Nesse sentido, nos próximos dois anos, a economia brasileira terá ajustes de juros, câmbio e política fiscal. O agronegócio será um dos setores que menos sentirá o impacto destes ajustes, principalmente porque, para a maioria das cadeias agroindustriais, a conjuntura externa tende a ser mais importante do que a situação doméstica. Uma desvalorização da taxa de câmbio pode, por um lado, pressionar os custos de alguns insumos, mas, por outro lado, pode aumentar a rentabilidade dos setores exportadores. Ambos os efeitos podem ser atenuados, dada a perspectiva de leve queda dos preços das *commodities* de uma forma geral. Mudanças na taxa Selic não têm alterado as taxas de juros cobradas no crédito oficial, porém não haverá espaço para grandes expansões nos recursos disponíveis para crédito e subvenção.

O desmatamento das florestas tropicais é geralmente relacionado ao crescimento econômico nos países que abrigam estes ecossistemas. Dado que as nações em desenvolvimento tendem a apresentar taxas de crescimento econômico elevadas, elas deveriam apresentar mais desmatamento do que o observado em nações desenvolvidas. Tal problema seria agravado pela diferença em termos de regulação e monitoramento ambiental entre o grupo de países. Ao se analisar casos como o brasileiro, fica evidente que esse determinismo não corresponde à realidade, havendo grande espaço para atuação de agentes públicos na redução do desmatamento. E isso pode ser feito sem comprometer o crescimento econômico, até mesmo aquele baseado em atividades agrícolas.

No Brasil, o confinamento representa por volta de 10,0% do número total de abates de bovinos no País, mas interfere diretamente nos preços de mercado. Com isso, o planejamento da atividade é fundamental para antecipar os movimentos de altas e de baixas dos preços, bem como para garantir bons resultados econômicos. No caso do confinamento bovino, o resultado positivo está diretamente relacionado a uma boa compra do boi magro e/ou dos insumos, em especial dos alimentos. Na simulação realizada para dois cenários distintos, o resultado obtido com o confinamento variou de R$ 39,13 por cabeça (rentabilidade média de 1,70%) a R$ 129,13 por cabeça (rentabilidade de 5,85%).

O mundo espera, para a temporada 2014/15, a saída dos campos da maior produção de soja de toda a história, com os preços da oleaginosa no menor valor em quatro anos. No entanto, alguns fundamentos de peso, esquecidos pela mídia, precisam ser revistos com cautela. Pela primeira vez na história, o consumo global de óleo deve consumir 46,2 milhões de toneladas, para uma produção prevista em 47,0 milhões. Com isso, os estoques devem subir muito pouco, garantindo vinte e seis dias de abastecimento. Isso representa o segundo maior arrocho de abastecimento em quase quarenta anos, abaixo apenas do previsto para a safra 2013/14.

Neste mês, a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) comemora o tradicional Dia Mundial da Alimentação. O objetivo é provocar a reflexão sobre as causas da volatilidade dos preços e a importância da adoção de medidas estruturais para alterar essa situação, que traz mais vulnerabilidade ao sistema alimentar global. Pelo terceiro ano consecutivo, o Brasil foi considerado a nação mais preparada na luta contra a fome. O País conquistou essa colocação devido à combinação das políticas de proteção social, à inclusão do direito a alimentação na Constituição Federal, à criação do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) e ao plano para adaptação a mudanças climáticas.

Para finalizar, destaque para o Caderno Especial da Aprosoja-MT, entidade que comemorou dez anos em fevereiro último, mas que, apesar de nova, já deixa uma folha de serviços e inciativas prestados ao agronegócio nacional. ■